



AUDIODESCRIÇÃO: POSSIBILIDADE DE LER O MUNDO

Aline Silvânia Ferreira dos Santos

Nayara Barbosa de Almeida

Soraya Rocha Melo

Resumo: A audiodescrição caracteriza-se como uma importante ferramenta capaz de decifrar e tornar possível a compreensão e leitura do mundo visual. Tendo como objetivo descrever situações, figuras e acontecimentos. Possibilitando assim, às pessoas com deficiência visual o acesso ao mundo visual através das palavras. No ambiente educacional a audiodescrição destaca-se como uma forma de contribuir para fazer da escola um espaço cada vez mais inclusivo que cumpra sua função de formar cidadãos capazes de entender a relações sociais estabelecidas no mundo assim, como os demais conteúdos trabalhados em sala de aula. Desta forma, com este ensaio, pretende-se discutir as possibilidade e benefícios da audiodescrição como recurso de acessibilidade educacional.

Palavras-Chave: Audiodescrição. Acessibilidade. Deficiência visual.

1. INTRODUÇÃO

A audiodescrição é um recurso de acessibilidade comunicacional que favorece a compreensão das pessoas com deficiência visual, esta forma de ler o mundo visual para os cegos não é algo novo, entretanto, enquanto atividade técnica-científica e profissional, começou a ser discutida em 1975, nos Estados Unidos, fundamentada nos estudos realizados por Gregory Frazier em sua dissertação de mestrado (Costa, 2014).

No entanto, este recurso só passou a ser reconhecido e divulgado cerca de dez anos depois, a partir do trabalho realizado pelo casal Margaret Rockwell e Cody Pfanstiehl. Margaret, deficiente visual, foi fundadora do serviço de leitores via rádio do The Metropolitan Washington Ear, e seu esposo, Cody, atuou como voluntário no projeto. (Costa, 2014).

A partir desta iniciativa, outras foram iniciadas pelo casal. Foram eles também que realizaram a primeira audiodescrição em fitas cassetes, utilizadas em visitas a museus, parques e monumentos nos EUA, como também promoveu a utilização da audiodescrição na televisão. Posteriormente, a audiodescrição, passou também a ser estendida a óperas e cinemas. (Costa, 2014).

Desde então a audiodescrição foi sendo gradativamente divulgada e aceita em outros países. Em 1987, a Organización Nacional de Ciegos Españoles (ONCE) audiodescreve o filme O último tango em Paris. Logo depois, a França conhece-se a técnica durante o Festival de Cannes de 1989, neste ano, os franceses audiodescreveram o seu primeiro filme, Indiana Jones e a Última cruzada. Ainda em 1989, a Alemanha devido ao sucesso da exibição dos filmes audiodescritos em Cannes, iniciou a oferta de sessões especiais de cinema com audiodescrição. (Costa, 2014).

No Brasil, a audiodescrição teve seus avanços por meio das políticas implementadas pelo do Ministério da Comunicação, quem em 2006 aprovou a Norma Complementar nº 01/2006 que definiu os recursos de acessibilidade, para pessoas com deficiência, nos serviços de radiodifusão de sons e imagens e de retransmissão de televisão, dentre eles a audiodescrição definida como uma

narração, em língua portuguesa, integrada ao som original da obra audiovisual, contendo descrições de sons e elementos visuais e quaisquer informações adicionais que sejam relevantes para possibilitar a melhor compreensão desta por pessoas com deficiência visual e intelectual. (Redação dada pela Portaria nº 188, de 24 de março de 2010) (Brasil, 2006).

Em 2015, Lei Brasileira de Inclusão, em seu artigo 63 passou a considerar obrigatória a acessibilidade nos meios de comunicação pertencentes ao poder público, sendo ainda responsabilidade do mesmo a capacitação de profissionais para atuarem em todas as áreas acessíveis, inclusive audiodescrição. Estabelecendo assim, a continuidade e amplitude das políticas sobre a acessibilidade no país.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Atualmente, pode-se dizer que o mundo é representado através de imagens, caracterizando-se assim como um mundo essencialmente imagético em que as

imagens trazem consigo um significado próprio. Assim, compreender o real sentido dessas imagens em um determinado contexto e o que elas pretendem comunicar torna-se sumariamente relevante, uma vez que, a interpretação visual é um ato de ler, e de ver o mundo de forma crítica (MOTTA, 2016, p.21).

Ressalta-se, que uma leitura crítica, faz-se quando lemos uma imagem e compreendemos, em suas entrelinhas, a mensagem que ela traz consigo. De acordo com Motta (2010), mesmo as pessoas que não possuem nenhuma deficiência, notam que o recurso aumenta o senso de observação, amplia a percepção e o entendimento, além de demonstrar e revelar detalhes que passariam despercebidos a olho nu.

As vantagens da Audiodescrição não estão limitadas somente as pessoas com deficiência visual. Sabe-se hoje que o público-alvo da audiodescrição tem sido ampliado. Seja pelo aumento do número de pessoas cegas no Brasil, ou pela experiência com outros como pessoas idosas, disléxicos e com síndrome de Down. Portanto, é possível dizer que o novo público da AD serão formados, para todos aqueles com dificuldade de compreensão de audiovisuais e leitura de textos contidos em imagem (MOTTA, ROMEU Filho, p.37, 2010)

Braghirolli (2016) colabora com esta discussão quando afirma que, a AD é um dos recursos de acessibilidade comunicacional, sendo uma modalidade intersemiótica que transforma o visual em verbal. Essa tecnologia assistiva amplia ainda o entendimento e o acesso à cultura e informação de pessoas cegas e faz com que elas sejam incluídas em todas as áreas da sociedade. Por isso a importância de se consolidar a audiodescrição no ambiente educacional, visto que, torna-se importante não só para o estudante com deficiência visual, mas também para outros públicos como pessoas com dificuldades de aprendizagem, deficiência intelectual, idosos, autistas, disléxicos entre outros (MOTTA, 2010).

Desta forma, utilizar a audiodescrição como ferramenta de ensino, requer a aplicação de algumas técnicas específicas, por isso a importância de cursos e oficinas voltadas para esta temática, uma vez que, necessita de estratégias e procedimentos próprios, capazes de garantir que a pessoas com deficiência visual tenham acesso a todas as informações em igualdade de condições daqueles que possuem visão. Lima (2011), considera que a tradução visual na forma de audiodescrição pode ser entendida como uma tecnologia assistiva, pois:

com Deficiência. 2015. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm; acesso em: 26 de set 2023.

COSTA, Larissa Magalhães. **Audiodescrição em filmes: história, discussão conceitual e pesquisa de recepção.** Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2014.

LIMA, Francisco José de. Introdução aos Estudos do Roteiro para Áudio-descrição: sugestões para a construção de um Script anotado. **Revista Brasileira de Tradução Visual - RBTV**, v. 11, p. 1, 2011.

MOTTA, Lívia Maria Villela de Mello; FILHO, Paulo Romeu. Audiodescrição: transformando imagens em palavras. São Paulo: Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo, 2010. Disponível em:
http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/planejamento/prodam/arquivos/Livro_Audiodescricao.pdf. Acesso em: 19 de setembro abril de 2023.

MOTTA, L. M. V. M.. **Audiodescrição: transformando imagens em palavras.** 001. ed. São Paulo: Secretaria de Estado dos Direitos da Pessoa com Deficiência, 2010. v. 1. 250p .

MOTTA, L. M. V. M.. **Audiodescrição na escola: abrindo caminhos para leitura de mundo.** 001. ed. CAMPINAS: EDITORA PONTES, 2016. v. 1. 167p.